Madre Rosetta Marchese: educadora profundamente salesiana porque enraizada em Cristo

Madre Rosetta Marchese, Filha de Maria Auxiliadora, foi Superiora Geral de 1981 a 1984. Ela recebeu muitas graças da Providência que a sustentaram em seu caminho de serviço à Congregação e a levaram a fazer uma oferta de si mesma pela salvação das almas, uma oferta agradável a Deus.

A Serva de Deus Madre Rosetta Marchese nasceu em Aosta em 20 de outubro de 1922, filha de João e Joana Stuardi. É a mais velha de três filhas: ela, Ana e Maria Luísa. Ela nasceu em uma bela casa no subúrbio. Rosetta frequentou a escola maternal e as três primeiras classes primárias na escola das Filhas de Maria Auxiliadora. De 1928 a 1938 (dos 6 aos 16 anos), foi uma oratoriana assídua e ativa e membro da Ação Católica. O ambiente salesiano era animado e sereno e foi ali que sua vocação floresceu.

Com quase 16 anos, em 15 de outubro de 1938, Rosetta entrou como aspirante na Casa "Madre Mazzarello", em Turim. Em 31 de janeiro de 1939, foi admitida no Postulantado. Era uma jovem simples, alegre, de oração e sacrifício. Em 6 de agosto, entrou no Noviciado. Em sua pequena mesa, no escritório, está escrito: "*Quem se poupa não ama, ama a si mesmo*". Em 5 de agosto de 1941, fez sua primeira profissão. Ela pediu às superioras para partir como missionária, mas, devido à violência da guerra, não recebeu uma resposta positiva. Imediatamente após sua profissão, Ir. Rosetta foi enviada a Turim e Vercelli para se preparar para o magistério e ajudar as meninas da escola.

Aos 21 anos, de 1943 a 1947, foi aluna da Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão, em Castel

Fogliani (Piacenza). De 1947 – ano em que fez a profissão perpétua – a 1957 foi destinada à Casa Missionária "Madre Mazzarello", em Turim, como professora, assistente das educandas, responsável pelo oratório e pelas ex-alunas.

Em 1957 (aos 37 anos), deixou Turim para ir a Caltagirone, na Sicília, como diretora, onde permaneceu até 1961. Seu encontro com o bispo Dom Francisco Fasola, Servo de Deus, foi fundamental e ajudou a trazer à tona intuições e graças latentes em sua alma. No dia em que tomou posse da diocese de Caltagirone (22 de janeiro de 1961), sentiu a santidade do bispo que a guiaria espiritualmente por 23 anos, até sua morte. Seu relacionamento com o bispo Dom Fasola lançou mais luz sobre o mistério do sacerdócio, tanto que, em 2 de agosto de 1961, Ir. Rosetta se ofereceu pela santidade do bispo e, mais tarde, pela Igreja, pela santidade dos sacerdotes e pelas almas religiosas. Nesse meio tempo, ela apoiou muitas freiras como mestra de vida interior por meio de acompanhamento espiritual e correspondência. De 1961 a 1965, Ir. Rosetta foi diretora do Instituto Jesus Nazareno, na Rua Dalmazia, em Roma. Seu serviço coincidiu com a celebração do Concílio Vaticano II.

De 1965 a 1971, Madre Ângela Vespa, Superiora Geral das FMA, confiou à Irmã Rosetta a grande Inspetoria Romana de "Santa Cecília". De 1971 a 1973 foi diretora em Lecco Olate. Depois lhe foi confiado o governo de outra grande Inspetoria, a Lombarda "Maria Imaculada". No Capítulo Geral XVI, em 17 de outubro de 1975, foi eleita Conselheira Visitadora.

De 1975 a 1981, visitou as Inspetorias da Bélgica, Sicília, Zaire (atual República Democrática do Congo), França, Alemanha e Piemonte. Em 1981, no centenário da morte de Madre Mazzarello, que ofereceu sua vida pelo Instituto, de 7 a 10 de outubro, Madre Rosetta teve uma experiência misteriosa na casa de fundação do Instituto em Mornese. Uma voz na paróquia do vilarejo e no quarto da Cofundadora lhe disse: "Aceite, aceite!". Em 24 de outubro de 1981, no Capítulo Geral XVII, foi eleita Madre Geral por unanimidade.

Em Turim, em 24 de maio de 1982, uma febre alta foi o primeiro sintoma da doença que a consumiria: leucemia grave. Em seus cadernos de anotações e epistolários, ela observa que oferece sua vida pela santidade do Instituto, dos sacerdotes e dos jovens. Todos se mobilizaram com orações incessantes e também com a disposição de doar sangue para transfusões. A Irmã Ancilla Modesto relata que as Irmãs em Portugal perguntam à Irmã Lúcia de Fátima se ela pode implorar a cura a Nossa Senhora. A Irmã Lúcia de Fátima tem um sobrinho salesiano, Padre Valihno, que, em 14 de janeiro de 1983, foi visitar a Madre no Hospital Gemelli, levando a imagem de Nossa Senhora de Fátima e uma mensagem da Irmã Lúcia: "*A oferta foi agradável a Deus*". Nos seus últimos dias, ela confidenciou à sua vigária, Madre Maria Pilar Leton, que naquele pequeno quarto em Mornese ela havia intuído a sua eleição como Madre Geral e a sua morte pela santidade das irmãs e dos sacerdotes. De fato, Madre Rosetta nasceu para o céu em 8 de março de 1984, aos 61 anos de idade.

A figura que emerge entrelaçando os seus cadernos pessoais (1962-1982), o seu epistolário (1961-1983) com Dom Francisco Fasola (também Servo de Deus), junto com algumas outras cartas, é a de uma mulher profundamente mística, autenticamente educadora salesiana, plenamente inserida no contexto sócio-eclesial da Itália conciliar e pós-conciliar.

Consciente da complexa realidade do seu tempo e aberta ao dom da graça, com a sua experiência de Deus, ela dá, de certo modo, a "confirmação" das grandes verdades da fé católica sobre a Eucaristia, Nossa Senhora e a Igreja, que foram postas em questão na descristianização generalizada típica do período italiano de vinte anos, 1958-1978, e em particular na crise de 1968 com suas prolongadas reverberações. Sua vida tornou-se um chamado ao essencial e imutável nas experiências flutuantes e complexas de seu tempo, de modo especial para a Igreja, para os sacerdotes, para o seu Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e para os leigos da Família Salesiana.

Madre Rosetta tem uma missão específica: traçar

uma linha “reparadora e afirmativa” com relação às verdades de fé empobrecidas pela cultura descristianizada e reapresentá-las com força e beleza.

Diante do materialismo e da descristianização da cultura, Madre Rosetta tem uma experiência forte e vívida da Trindade. Ela percebeu as primeiras lembranças trinitárias desde os primeiros anos de sua vida religiosa (1944 em Castelfogliani; 1951 em Turim, na Casa Madre Mazzarello; 1959 em Caltagirone), como ela mesma conta em detalhes:

“Tenho diante de mim as etapas deste caminho traçado por Ele: os Exercícios dos votos trienais, quando, lendo e meditando o Evangelho de São João, fui envolvida pelos sentimentos de Jesus para com o Pai celeste e foi o início do meu lento trabalho de sair de mim mesma para lançar-me na penetração do Coração de Jesus, visto desta forma. Depois, por volta dos dez anos de profissão, as palavras de Jesus a Filipe: “Quem me vê, vê o Pai”, abriram-me para o Mistério da Trindade e Jesus me conduziu à alegria da presença Deles em mim, mas muito imperfeitamente experimentada e compreendida por mim. Então, há seis anos, Nossa Senhora me abriu para o Espírito Santo e o Mistério da Trindade se tornou cada vez mais familiar para mim. Em 24 de julho de 1965, ao recitar o Glória durante a Santa Missa com a expressão “Filho do Pai”, senti como toda a ternura do Pai se derramava sobre minha alma e, a partir daquele momento, Jesus me deu uma participação mais íntima em seus sentimentos pelo Pai Celestial. Desde então, todos os dias minha invocação ao Espírito Santo sempre foi essa e acho que posso dizer que sempre vivi com essa paixão única de me identificar com Jesus em seu amor pelo Pai Celestial!” (Rosetta Marchese, texto datilografado).

Diante da crise entre os sacerdotes e os fiéis sobre a fé na Eucaristia, Madre Rosetta viveu uma intensa vida eucarística da qual extraiu força e luz até mesmo para a complexa vida diária.

“Agora dizemos muitas coisas, mas estou convencida de que apenas uma viraria a Congregação de cabeça para baixo: poder pregar as irmãs dez minutos todos os dias diante do Tabernáculo em oração silenciosa de contemplação e união com Sua vontade. Todos os problemas seriam resolvidos ali. Comecemos por ser fiéis para que todas possam chegar lá” (Madre Rosetta Marchese, *Carta à Irmã Elvira Casapollo*, Mornese, 19 de agosto de 1978).

De 1979 até a sua morte, ela viveu o fenômeno místico da habitação eucarística, ou a Presença Real de Jesus, como uma Presença permanente e contínua dentro de si mesma após a Comunhão. Madre Rosetta carrega dentro de si uma fornalha eucarística ardente na qual ela mergulha suas irmãs, jovens e leigos:

“Parece-me agora que minha tarefa é pegar continuamente todas as almas e mergulhá-las no fogo do amor que é o Coração de Jesus, que carrego dentro de mim. Gostaria de poder repetir isso a ele mil vezes por dia, sempre… e então me deixo envolver pelo trabalho e pelas dificuldades que acarreta; mas essa prova contínua da minha fraqueza me faz bem e aumenta a minha confiança; quanto menor e mais miserável eu for, mais fácil será me perder no Coração de Jesus” (Madre Rosetta Marchese, *Carta ao Bispo Dom Francisco Fasola*, Festa dos Arcanjos de 1980).

Diante da crise de uma mariologia ameaçada pelo secularismo e pouco atraente para o povo de Deus, Jesus dá a Madre Rosetta um relacionamento filial vivo com a Virgem Maria, mulher do *Fiat* e do *Magnificat*, e lhe dá uma experiência viva do olhar de Nossa Senhora. Com essa intensidade, ela propõe aos jovens e aos leigos da Família Salesiana o seu amor por Maria Auxiliadora. De fato, ela escreve:

“No início dos exercícios espirituais, quase de repente, senti-me como que penetrada por um olhar interior de Nossa

Senhora e como que subjugada e tomada por esse olhar […] vislumbrei como a minha presença em Maria, permanecendo n'Ela, abandonada a Ela, como Jesus depois da Encarnação, seria o modo mais seguro de deixar livre a ação do Espírito em Jesus (não sei se estou me expressando bem)" (Madre Rosetta Marchese, *Carta ao P. José Groppo*, Roma, 4 de maio de 1963).

À medida que a crise das instituições (Igreja e sociedade) se agravava, Madre Rosetta vivenciou toda a experiência do Concílio e do pós-Concílio *cum Ecclesia* e invocou a presença constante do Espírito sobre ela. No dia da abertura do Concílio, acompanhando o evento pela televisão, ela escreveu a Dom Fasola descrevendo-o como um novo Pentecostes:

"Eu me senti tão viva e palpitante com a grandeza e a santidade da Igreja de Deus; parecia-me que eu estava experimentando quase que sensivelmente a presença de Maria e do Espírito Santo naquele imenso e santo cenáculo" (Madre Rosetta, *Carta ao Bispo Dom Francisco Fasola*, Roma, 13 de outubro de 1962).

Diante de um ativismo que torna estéril o apostolado entre os jovens, ela aponta para o segredo da graça da unidade: viver o dever do momento presente em união com Deus, enraizado em um relacionamento esponsal com Cristo.

"Veja, querida, dessa forma você começa a contemplação e a ação: quando sua ação é feita somente para Ele, buscando Sua glória, fazendo o melhor que pode com as crianças para encontrar um bom momento para falar sobre Ele; quando você se aproxima dos pais com o único pensamento de dizer uma palavra para ajudá-los a educar melhor seus filhos; quando, depois das aulas, você ajuda essas crianças com a intenção de fazê-las sentir a bondade, o carinho, o cuidado do Senhor que a envia para substituir os pais que não podem acompanhá-las; quando você tenta ser boa e paciente com suas irmãs apesar do trabalho e do cansaço; tudo isso é buscar a Deus e a união com

Ele! Então você pode dizer que verdadeiramente o Senhor reina em sua vida, e há unidade entre ação e contemplação”. (Carta da Irmã Rosetta Marchese à Irmã Maria Rosa Boni, Roma, 21 de janeiro de 1980).

“A Santíssima Trindade em mim, eu no coração da Santíssima Trindade, através de todo o amor do Espírito Santo; possuída por Jesus como uma esposa; perdida n’Ele em louvor ao Pai”. (Madre Rosetta Marchese, *Caderno*, 10 de novembro de 1967).

Diante de um estilo de governo frequentemente formal e distante, típico do período pré-conciliar, ela escolheu a “mística de governar”:

“Para servir às almas, devo me mover na Paz de Deus; em Jesus para intuí-las, amá-las, descobrir a vontade do Pai para elas, no Espírito Santo. Permanecer imersa em Jesus, respirar o Espírito Santo e permanecer com paz e amor ao lado de cada alma: tudo o mais é imensamente secundário”. (Madre Rosetta Marchese, *Caderno*, 1º de dezembro de 1971).

O seu testemunho e a sua espiritualidade salesiana, tão fascinante e profética, iluminam a nossa vida de fé, o nosso relacionamento com o Senhor Jesus, e revigoram o nosso apostolado entre os jovens com uma nova beleza e profundidade. Ela incentiva as irmãs:

“*Façam tudo para salvar almas e não deixem que nenhum esforço pareça grande demais quando vocês pensarem que serve para salvar almas, especialmente almas dos jovens.*” (Relatório da visita extraordinária de Madre Rosetta Marchese, Munique, 20-24 de novembro de 1978, 3/3).

Verdadeiramente Madre Rosetta Marchese é uma salesiana completa, na qual o “Da mihi animas cetera tolle” de Dom Bosco e Madre Mazzarello entre os jovens, especialmente entre as meninas, está enraizado em um profundo fogo interior, em uma profunda união com Deus.

Ir. Francisca Caggiano
Vice-postuladora